

ABRACADABRA

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE
PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

EM ARTES CÊNICAS

**COMO AS ARTES
COMUNICAM AOS ALIADOS**

da cena

**PODEM
RESPONDER À**

PANDEMIA

**CAOS
POLÍTICO**

**NO
BRASIL**

Organizadores: Ana Terra, Matteo Bonfitto,
Silvia Geraldi e Renato Ferracini

**COMO AS
ARTES DA
CENA PODEM
RESPONDER
À PANDEMIA E
AO CAOS
POLÍTICO NO
BRASIL?**

Organizadores:
Ana Terra
Matteo Bonfitto
Silvia Geraldi
Renato Ferracini



ABRACE

Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-graduação em Artes Cênicas.

Diretoria ABRACE

Gestão - 2019-2020... e pandemia

PRESIDENTE

Pq. Dr. Renato Ferracini (LUME - UNICAMP)

1ª SECRETÁRIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães (DACO - UNICAMP)

2ª SECRETÁRIA

Pqa. Dra. Raquel Scotti Hirson (LUME - UNICAMP)

TESOUREIRA

Profa. Dra. Mariana Baruco (DACO - UNICAMP)

COMISSÃO EDITORIAL

Profa. Dra. Ana Terra (DACO - UNICAMP)
Prof. Dr. Matteo Bonfitto (DAC - UNICAMP)
Profa. Dra. Silvia Geraldi (DACO - UNICAMP)

CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Patrícia Leonardelli (UFRGS)
Prof. Dr. Robson Haderchpek (UFRN)
Prof. Dr. Daniel Marques da Silva (UFBA/UFRJ)

SUPLENTE DO CONSELHO FISCAL

Profa. Dra. Melissa dos Santos Lopes (UFRN)
Prof. Dr. Marcilio Vieira (UFRN)
Profa. Dra. Ana Cristina Colla (LUME)

EDITORAÇÃO E DESIGN EDITORIAL

Arthur Amaral

EDIÇÃO

ABRACE

CO-EDIÇÃO

Prof. Dr. Jorge das Graças Veloso (UnB)

COMITÊ EDITORIAL

Alba Pedreira Vieira

Alexandre Falcao de Araujo

Ana Paula Ibanez

Carlos Arruda Anunciato

Cassiano Sydow Quilici

Clóvis Dias Massa

Daniel Reis Plá

Daniela Amoroso

Daniele Pimenta

Denise Mancebo Zenicola

Dodi Tavares Borges Leal

Flavio Campos

Ismael Scheffler

Jandeivid Lourenço Moura

Jorge das Graças Veloso

José Denis de Oliveira Bezerra

José Sávio Oliveira Araujo

Julio Moracen Naranjo

Katya Souza Gualter

Lidia Olinto

Ligia Tourinho

Lucia Romano

Luciana Lyra

Marcelo Eduardo Rocco de Gasperi

Marcia Maria Strazzacappa Hernandez

Maria Brígida de Miranda

Marianna Francisca Martins Monteiro

Martha De Mello Ribeiro

Naira Ciotti

Natacha Muriel López Gallucci

Paulo Marcos Cardoso Maciel

Rebeka Caroça Seixas

Robson Carlos Haderchpek

Stênio José Paulino Soares

Valeria Maria Chaves de Figueiredo

Veronica Fabrini Machado de Almeida

Vicente Carlos Pereira Junior

Wellington Menegaz de Paula

C735

Como as artes da cena podem responder à pandemia e ao caos político no Brasil? [recurso eletrônico] / organizadores: Ana Terra ... [et al.]. – Campinas : Universidade de Brasília, Programa de Pós-Graduação em Artes, 2021.
1545 p. : il.

Inclui bibliografia.

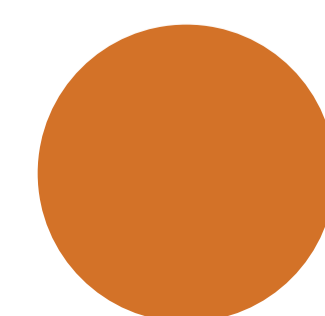
Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://portalabrace.org/4/index.php/anais-e-publicacoes/e-books-da-abrace>>.

ISBN 978-65-88507-02-5 (e-book)

1. Artes cênicas. 2. Infecções por Coronavirus. 3. Política - Brasil. I. Terra, Ana (org.).

CDU 792



COMO AS ARTES DA CENA PODEM RESPONDER À PANDEMIA E AO CAOS, POLÍTICO NO BRASIL?

Editorial

Diante do que não entendemos, muitas possibilidades se abrem. Pensando sobre a visão, podemos tentar adaptar o que acreditamos conhecer e fazer ajustes para, com isso, trazer alguma luz ao que não conseguimos enxergar. Considerando a audição, podemos tentar parar para escutar melhor a fim de ampliar o nosso horizonte aural e, quem sabe, reconhecer sonoridades até então não captadas. Independente dessas e de muitas outras possibilidades que podemos explorar, o deparar-se com o que não entendemos pode atuar como gerador de uma significativa expansão perceptiva, de mudanças de lógica, de modos de ser/estar no mundo. Em outras palavras, situações como essas podem ser oportunidades valiosas.

Cabe observar que as expansões perceptivas que emergem do não entendimento – nesse caso, produzido pela sobreposição entre o caos político que vivemos e o crescimento descontrolado da pandemia de Covid-19, ambos conectados pelo elo da necropolítica que irremediavelmente nos invade – não pretendem absolutamente neutralizar o importante exercício crítico que deve igualmente ser praticado em momentos como esse.

Talvez o entrelaçamento entre essas duas perspectivas possa constituir o eixo que, como uma tensão que não se resolve, permeia as seis seções propostas neste livro, a saber – Cena, resistência e experimentações digitais; Corpo, artes da cena e episteme; Feminismos plurais, performances e performatividades; Práticas de cuidado e espiritualidade; Ações performativas em isolamento; e Transversalidades dissonantes – somando um total de sessenta e sete trabalhos.

Sempre “presentes”, as artes da cena buscam aqui revelar, uma vez mais, o seu papel como geradoras de fissuras e ruídos extemporâneos que nos fazem entrever (com Agamben) caminhos possíveis em meio ao escuro do nosso tempo, para tentar (com Krenak) propor práticas para adiar o fim do mundo.

Comissão Editorial Abrace
Gestão 19/20/21

Ana Terra

Matteo Bonfitto

Silvia Geraldi

SUMÁRIO

capítulo 1

Cena, resistência e experimentações digitais

DOSSIÊ DO DESCURSO

Adriana Jorgge, Adriane Henandez, Chico Machado, Henrique Saidel,
Mesac Silveira, Patricia Leonardelli, Rodrigo Sacco Teixeira _____ 15

CRÔNICA: LIVEVER - A CENA E A LIVE

André Carrico _____ 95

ESPECTADORES DE UMA TEATRALIDADE PANDÊMICA: POEMAS DE CÁ E DESDE AÍ ONDE VOCÊ ESTÁ

Sócrates Fusinato _____ 99

POR UMA PEDAGOGIA TEATRAL TRANSFORMADORA: UM OLHAR PARA A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Anita Cione Tavares Ferreira da Silva _____ 117

TEATRO ON-LINE, TEATRO VIRTUAL, TEATRO POR STREAMING, TEATRO-MÍDIA? QUE TEATRO É ESTE QUE ECLODIU COM A PANDEMIA?

Maíra Castilhos Coelho _____ 144

O ESPAÇO EXPERIMENTAL DO PETECA

Mônica Melo _____ 172

VIDEOARTES CONTRA O CORONAVÍRUS: ENFRENTANDO PROBLEMAS PANDÊMICOS REAIS E EXPERIMENTANDO ESPETACULARIDADES VIRTUAIS

Filipe Dias dos Santos Silva, Michel Silva Guimarães _____ 198

QUEM SERÁ POR NÓS? ARTISTAS EM MEIO A PANDEMIA DO CORONAVÍRUS

Priscila Rosa _____ 216

O CIRCO, A PANDEMIA E O NÓ NA GARGANTA.

Daniele Pimenta _____ 224

VIVAM OS LOUCOS DAS LIVES! ARTE, FILOSOFIA E PEDAGOGIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

Charles Feitosa (UNIRIO) _____ 240

MOTIM NA QUARENTENA: DEBATES E AFETOS EM REDE

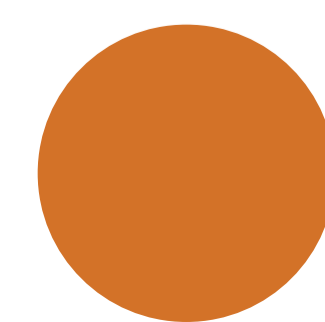
Profa. Dra. Luciana de F. R. P. de Lyra, Carolina Passaroni _____ 253

<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO – RELATO 1: APRESENTAÇÃO, PALESTRAS E MESAS TEMÁTICAS</i>	
Ismael Scheffler, Luiz Henrique Sá, Olívia Camboim Romano _____	287
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 2: COMUNICAÇÕES DE PESQUISA</i>	
Aby Cohen, Mariana Cesar Coral, Rosane Muniz Rocha _____	314
<i>III SEMINÁRIO DE DESIGN CÊNICO - RELATO 3: TEATRO FÓRUM E DESIGN EXPANSIVO COMO ESTRATÉGIAS DE OCUPAÇÃO DO ESPAÇO DIGITAL</i>	
Dalmir Rogério Pereira _____	339

capítulo 2

Corpo, artes da cena e episteme

<i>COLORIDO ESPECÍFICO: DAS COISAS POSSÍVEIS EM MEIO AO TANTO.</i>	
Heloisa Gravina, Michel Capeletti, Clarissa Ferrer, Guilherme Capaverde, Leticia Nascimento Gomes, Pâmela Ferreira, Thiago Santos _____	364
<i>TERRITÓRIOS DISRUPTIVOS: O CORPO-TEATRO EM TEMPOS DE ISOLAMENTO</i>	
Martha Ribeiro _____	406
<i>IMPACTOS DA CRISE PANDÊMICA E POLÍTICA NO CORPO E EM SEU FAZER ARTÍSTICO</i>	
Tatiana Melitello _____	426
<i>DANÇA MODERNA E NOVAS EPISTEMES PARA O SÉCULO XXI</i>	
Tatiana Wonsik Recompenza Joseph _____	444
<i>DANÇA(S) COMPARTILHADA(S): COLABORAÇÃO ARTÍSTICA COM DANÇA EM TEMPOS DE ISOLAMENTO SOCIAL</i>	
Melina Scialom _____	476
<i>DANÇAS EM QUARENTENA</i>	
Denise Mancebo Zenicola, Alba Vieira, Leda Ornellas, Débora Campos, Leticia Infante, Gisela Zaccari, Maria Paulo, Calé Miranda, Sofia Vivo, Carlos Ujhama _	502
<i>ENCRUZILHADAS E ENTRELAÇAMENTOS: TROCAS INTERINSTITUCIONAIS</i>	
Flávio Campos, Katya Gualter _____	515
<i>SILÊNCIO (29/04/2020 – 06/10/2020...)</i>	
Débora Campos de Paula _____	552
<i>O GRUPO PÉS COM E SEM PANDEMIA: DANÇA-TEATRO PARA/COM/POR PESSOAS COM DEFICIÊNCIA</i>	
Mônica Gaspar, Lidia Olinto _____	562



*COVID-A - 108.054 SEGUNDOS DE DANÇA POR CADA VIDA
INTERROMPIDA: PRIMEIRAS REFLEXÕES*

Valéria Vicente, Líria de Araújo Morais, Carolina Dias Laranjeira _____ 599

ESCRITOS CÊNICOS SOBRE A INTIMIDADE DE NOSSAS DANÇAS DIGITAIS

Maria Inês Galvão Souza, Fernanda de Oliveira Nicolini _____ 638

“BELISCA AQUI”: DANÇAS DA/NA/A PARTIR/DA PANDEMIA DE 2020

Alba Pedreira Vieira _____ 666

DANÇA NA PANDEMIA

Profa. Dra. Maria Claudia Alves Guimarães, Beatriz Silvestre Rodrigues de Souza, Cássia Natiele Silva Durães _____ 696

capítulo 3**Feminismos plurais, performances e performatividades***BILHETES DE MULHERES DA CENA EM RESISTÊNCIA*

Dodi Leal, Luciana de F. R. P Lyra, Maria Brígida de Miranda, Lúcia Romano, Lígia Tourinho. _____ 712

CANSAÇO E CRIAÇÃO PERFORMATIVA EM CONTEXTO PANDÊMICO

Andre Luiz Rodrigues Ferreira _____ 734

*AS ARTES DA PRESENÇA CONTRA O APAGAMENTO HISTÓRICO AMBIENTAL:
UM MANIFESTO ECOPERFORMATIVO DECORONIAL*

Ciane Fernandes _____ 757

BREVES CRIAÇÕES PANDÊMICAS EM CARTAS NÁUFRAGAS

Patricia Fagundes, Louise Pierosan, Aline Marques, Daiani Picoli “Nina”, Juliana Kersting, Débora Souto Allemand, Iassanã Martins _____ 793

PERFORMANCE COMO EDUCAÇÃO EM PANDEMIA

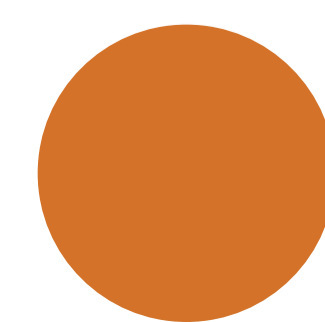
Estela Vale Villegas _____ 829

*AS ARTES CÊNICAS EM MEIO A PERFORMANCE PANDÊMICA DE UMA
SOCIEDADE INSUSTENTÁVEL*

Luiz Naim Haddad _____ 856

capítulo 4**Práticas de cuidado e espiritualidade***TIRAMOS A PELE, LAVAMOS A ALMA*

Nara Keiserman _____ 887



COMO VOCÊ ESTÁ SE SENTINDO HOJE? A CLÍNICA PERFORMATIVA DA UNIRIO
Juliana Manhães, Leticia Carvalho, Marcus Fritsch, Nara Keiserman,
Tania Alice _____ 908

capítulo 5

Ações performativas em isolamento

SEXAGENARTE - A VIDA NÃO PARA: OS PONTOS CARDEAIS DE MUITAS HISTÓRIAS
Rodrigo Sacco Flores Almeida Teixeira _____ 935

MODELAGEM DA MEMÓRIA OU INSIRA SUA JUSTIFICATIVA AQUI
Daniel Silva Aires, Mônica Fagundes Dantas _____ 940

QUARENTENA - QUANDO A ESPERA SE TORNA UMA AÇÃO
Éden Peretta, Bárbara Carbogim, Cláudio Zarco, Amanda Marcondes,
Vina Amorim, Daniela Mara, Diego Abegão, Fernando Del, Marina Freire,
Jefferson Fernandes _____ 954

*JOGO DO ESPELHO NOS TEMPOS DE COVID - AS ESTRATÉGIAS PARA
AULAS DE TEATRO SOB ISOLAMENTO SOCIAL.*
Elizabeth Medeiros Pinto, Suzane Weber Silva _____ 962

TEATROPALESTRA CAPETALISMO, PANDEMIA E PANDEMÔNIO.
Stefanie Liz Polidoro _____ 976

*[sem título] - AUSÊNCIA E PRESENÇA COMO FORÇA POÉTICA
NO ISOLAMENTO SOCIAL*
Ms. Rafael Machado Michalichem, Ms. Renata Mendonça Sanchez _____ 989

CORPORALIZANDO ECO-SOMÁTICA (HOLONÔMICA) #EM CASA
Carla Vendramin _____ 1004

DOIS AMORES E UM BICHO - UMA CARTOGRAFIA DA CONVIVÊNCIA
Danielle Martins de Farias _____ 1033

RECORTE-COLAGEM E ALGUNS REMENDOS
Silvia Balestreri _____ 1037

UM POEMA FILOSÓFICO PARA SE VIVER, MESMO NA PANDEMIA
Domenico Ban Jr. _____ 1044

VÔOS TANGENCIAIS DE AUTOEXPRESSÃO
Patrícia Souza de Almeida _____ 1049

capítulo 6

Transversalidades dissonantes

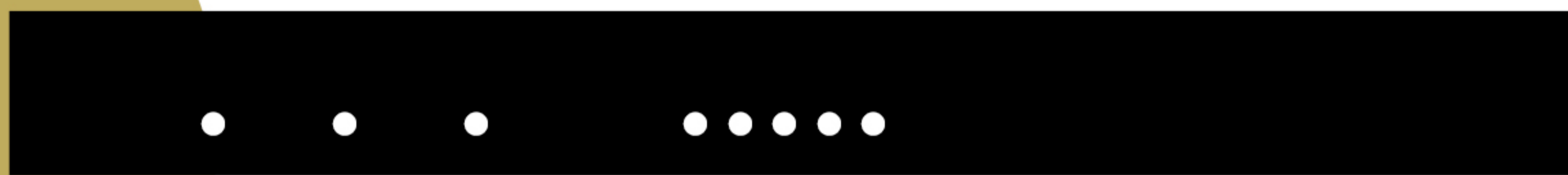
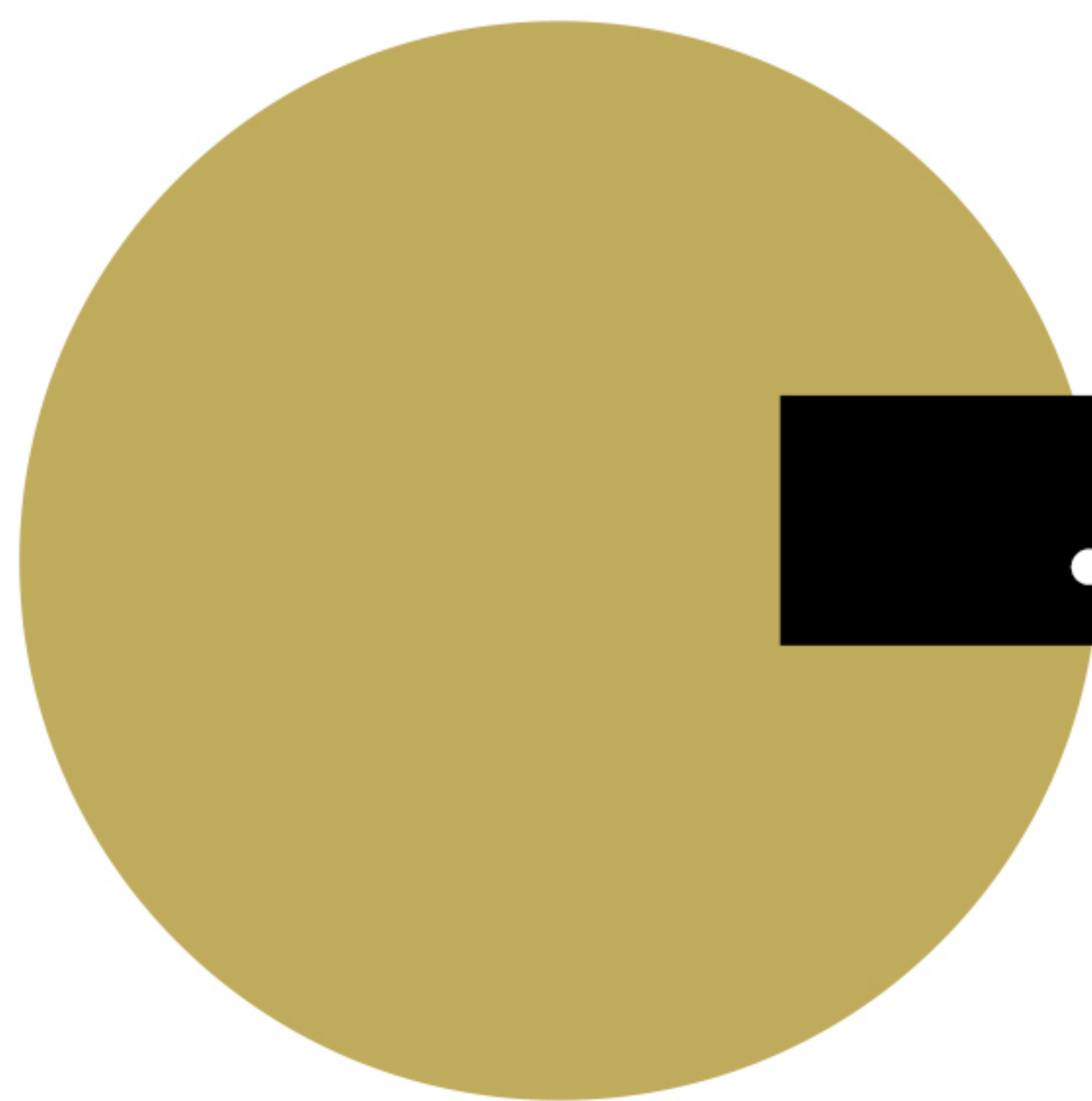
- O USO DE MICRO-CONTROLADORES ARDUINO E A “CULTURA MAKER” NO ENSINO DE ILUMINAÇÃO CÊNICA: POSSÍVEIS CONTRIBUIÇÕES COM A ILUMINAÇÃO NAS RENOVAÇÕES DOS ESPAÇOS CÊNICOS*
Rafaela Blanch Pires _____ 1054
- PANORAMA DO ENSINO DE DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NAS MICRORREGIÕES CHAPADA DO APODI E SERIDÓ OCIDENTAL/RIO GRANDE DO NORTE*
Marcilio de Souza Vieira _____ 1079
- DANÇA NA EDUCAÇÃO INFANTIL, UM ESTUDO SOBRE A BASE NACIONAL COMUM CURRICULAR (BNCC) E AS ESCOLHAS CURRICULARES DO DOCUMENTO DO RIO GRANDE DO NORTE.*
Carolina Romano de Andrade, Marcilio de Souza Vieira _____ 1103
- ACERVOS DOCUMENTAIS EM RELAÇÃO: UMA POÉTICA DE ATUALIZAÇÃO NA TÉCNICA DE EVA SCHUL*
Fellipe Santos Resende, Suzane Weber da Silva _____ 1139
- RESSONÂNCIAS DE UMA PRESENÇA E UMA ESCUTA: DO QUE SE FAZ EM TEATRO E DANÇA*
Valéria Maria Chaves de Figueiredo, Adriano Jabur Bittar _____ 1155
- DESVELANDO A ÂNIMA*
João Vítor Ferreira Nunes _____ 1172
- MEU INVENTÁRIO NO CORPO*
Mylene da Silva Moreira, Flávio Campos _____ 1202
- A POÉTICA DA APARIÇÃO E CURA: REFLEXÕES A PARTIR DA GRAMÁTICA NEGRA CORPORAL AMPLIFICADA*
Janaína Maria Machado (UFBA) _____ 1223
- DO TEATRO QUE É BOM... O PENSAMENTO ESTÉTICO TEATRAL DE OSWALD DE ANDRADE.*
Nanci de Freitas _____ 1238
- O AUTOENFRENTAMENTO: PRÁTICAS DE YOGA E MEDITAÇÃO NA FORMAÇÃO DA ATRIZ*
Daniela Corrêa da Cunha, Daniel Reis Plá _____ 1273
- O DESPERTAR CONTEMPORÂNEO NAS RELAÇÕES ENTRE DANÇA E SAGRADO FEMININO*
Lauana Vilaronga Cunha de Araújo, Geisa Dias da Silva,
Tânia Guerra de Souza _____ 1303

<i>CRIAÇÃO INFANTIL: CAMINHOS E QUESTIONAMENTOS</i> Allana Bockmann Novo, Flávio Campos _____	1331
<i>IDENTIDADE MOVEDIÇA: OS TRILHOS DO SAMBA NA CIDADE CULTURA</i> Giullia Almeida Ercolani, Luiz Naim Haddad _____	1344
<i>UMA ANÁLISE CRÍTICA SOBRE AS INTERFERÊNCIAS DA CORRENTE TEÓRICA “PÓS-MODERNISMO” NA CRIAÇÃO EM DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE</i> Natália Colvero, Flávio Campos _____	1352
<i>CORPO-LUZ: PENSAMENTOS ACERCA DOS PROCESSOS DE CRIAÇÃO DA ILUMINAÇÃO CÊNICA PARA O TEATRO CONTEMPORÂNEO.</i> Ana Luisa Quintas, Alice Stefânia Curi _____	1364
<i>UM RETORNO ATENTO AO BRINCAR: CAMINHOS POSSÍVEIS PARA A DANÇA</i> Fernanda Battagli Kropeniski, Flávio Campos _____	1402
<i>DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA</i> Stênio José Paulino Soares _____	1414
<i>O TEATRO POLÍTICO E AFROCENTRADO DO BANDO DE TEATRO OLODUM (1990): A FORMAÇÃO DE UM TEATRO NEGRO NA BAHIA.</i> Heverton Luis Barros Reis _____	1440
<i>“DENTES DE CACHORRO E CASCOS DE CAVALO”:</i> O MITO DE MICAELA Mariclécia Bezerra de Araújo _____	1473
<i>É “LEI”!</i> ESPETÁCULO DE DANÇA CONTEMPORÂNEA CRIADO EM PROCESSO COLABORATIVO Alba Pedreira Vieira, Marcus Diego de Almeida e Silva, Carlos Gonçalves Tavares _____	1493
<i>A PRODUÇÃO CULTURAL DO BRASIL OITOCENTISTA E A ATUAÇÃO DE MULHERES NO TEATRO POPULAR.</i> Lílian Rúbia da Costa Rocha _____	1521
<i>FILOSOFIA PERFORMACE: ARQUIVOS AUDIOVISUAIS DAS CULTURAS POPULARES DE AMÉRICA LATINA</i> Natacha Muriel López Gallucci _____	1546



CAPÍTULO 6

transversalidades
DISSONANTES



DA COR DO AZEVICHE: A NEGRITUDE COMO POÉTICA DE RESISTÊNCIA NAS ARTES DA PRESENÇA

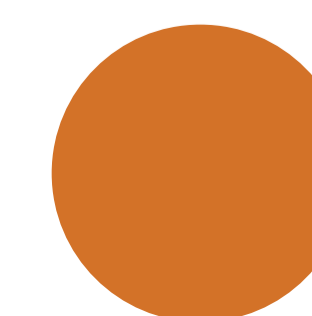
Stênio José Paulino Soares (UFBA)¹



__RESUMO

Ao indicar algumas criações e artistas como um pequeno recorte no contexto das artes da cena e da presença, o presente artigo objetiva identificar pistas da negritude como poética de resistência em algumas expressões percebidas na dramaturgia, na encenação teatral e na performance no Brasil. Busca-se introduzir alguns componentes que revestem essas poéticas, assinalando alguns aspectos que podem nos ajudar a costurar uma experiência de pensamento.

¹ Artista da performance. Professor Adjunto e Chefe do Departamento de Técnicas do Espetáculo da Escola de Teatro da Universidade Federal da Bahia. É docente do Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos (Pós-Afro) e do Mestrado Profissional em Artes (Prof-Artes), ambos da UFBA.



__PALAVRAS CHAVE

Négritude, artes da presença, poética de resistência, corpo-testemunha.

__ABSTRACT

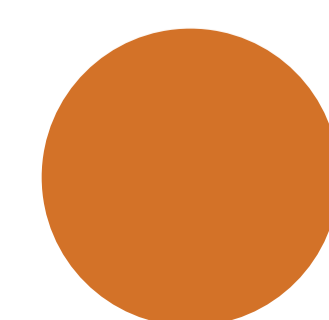
By indicating some creations and artists as a small cut in the context of the performing arts, this article aims to identify some clues of *négritude* as a poetics of resistance in some expressions perceived in dramaturgy, theatrical staging and performance in Brazil. It introduces some components that cover these poetics, pointing out some aspects that can help us to sew a thinking experience.

__KEYWORDS

Négritude, performing arts, poetics of resistance, body-witness.

INTRODUÇÃO

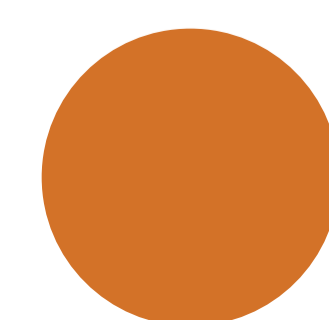
É possível reconhecer formas de construção da linguagem de artistas brasileiros que, ao perceberem um conjunto



de práticas e condições de subalternização sofrida por pessoas negras na sociedade, denunciam tanto a estrutura que sustenta esses mecanismos de opressão, quanto se esforçam em recuperar as formas de posituação da pessoa negra em sua experiência na cultura. Denominamos essas formas de construção da linguagem como “poéticas da negritude”.

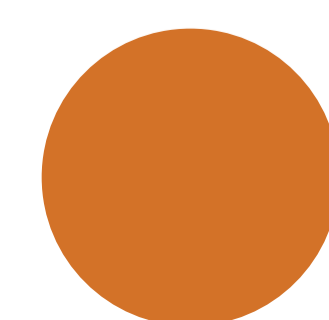
O pensador Achille Mbembe (2018) afirmou que, em nosso mundo contemporâneo, existe um conjunto de várias maneiras pelas quais são criadas formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas à condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos”. Esse fenômeno do poder é definido pelo autor como *necropolítica* e objetiva provocar a destruição máxima de pessoas. No caso do Brasil, por consequência de um intenso processo de colonização que deixou marcas de um racismo mascarado, esse fenômeno ganha contornos específicos nas práticas e condições de subalternização os quais se legou como alvo os povos indígenas, os africanos que vieram como escravizados e seus descendentes.

As poéticas da negritude são criações do *corporetestemunha*. Elas cercam e expressam um fenômeno social e macropolítico sob o ponto de vista dos indivíduos, ou seja, as poéticas da negritude respondem e confrontam a



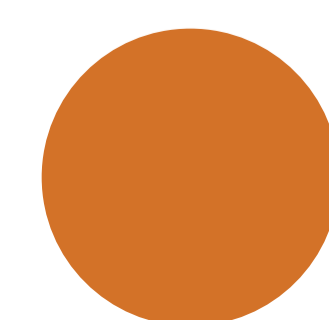
realidade imediata na qual o artista está inserido e, por isso, se apresentam como depoimentos e denúncias, por que o fenômeno é vivido, testemunhado, pelo artista enquanto sujeito social. O corpo-testemunha é um conceito teórico e uma abordagem metodológica (SOARES, 2018) com a qual podemos observar uma experiência artística como um depoimento ou declaração testemunhal, ou seja, no sentido de cercar os indícios de uma experiência que tem outra forma de continuidade no ato testemunhal. Sob essa configuração, a experiência subjetiva demonstra uma razão particular ou um raciocínio singular, e nos conduz à observação de um fenômeno, sob o ponto de vista do sujeito que dele vivencia diretamente. Assim, ao nos depararmos com uma obra artística, estamos diante dos rastros, dados e indícios da experiência do ser em uma totalidade que compreende um interstício entre *interioridade* e *exterioridade*. É um estado *entre*, relativo a algo subjetivo no indivíduo, e que também está na sua comunidade. Isso quer dizer que, ao carregar simultaneamente esse duplo sentido de coexistência indivisa, a noção de corpo-testemunha é um interstício entre a subjetividade do indivíduo e as compreensões que emergem em sua experiência na comunidade a qual está inserido.

Enquanto abordagem metodológica, o conceito de corpo-testemunha se aproxima e dialoga com o debate promovido



dentro do feminismo negro, quando diversas autoras se esforçaram em enfatizar a legitimidade do discurso da mulher negra, a partir da sua própria perspectiva a respeito dos fenômenos os quais atravessam sua experiência. Patricia Hill Collins (2019, p. 44) destacou essa forma de conhecimento como um *éthos* na sociedade negra, no que diz respeito à linguagem, à religião, à estrutura familiar e às políticas identitárias. Embora sejam aspectos importantes, expressos de forma particular pelos indivíduos, e podemos observar como isso acontece, especialmente, no contexto da criação artística, são saberes que evocam a resistência do povo negro à injustiça, e que são comumente ocultados e permanecem subjugados como conhecimento. Nesse sentido, queremos argumentar que o corpo-testemunha é uma forma de conhecimento e empoderamento de artistas negros: uma tomada de consciência e uma afirmação de conhecimento no mundo, sob um ponto de vista da experiência vivida pelo sujeito. E essa experiência vivida ganha extensão nas criações artística que chamamos de poéticas da negritude.

Convém situar, introdutoriamente, como se constituiu o movimento de negritude no Brasil. Segundo Kabengele Munanga (1990, p. 111), a negritude é uma retomada à afirmação dos valores da civilização do mundo negro. Uma retomada de si, isto é, na sua afirmação cultural, moral, física e intelectual, na crença de que a pessoa negra é o



sujeito de uma história e de uma civilização que lhe foram negadas e que precisava recuperar. Embora as ideias do movimento francês da negritude tenham ganhado força e popularidade no Brasil na década de 1940, principalmente, por meio do Teatro Experimental do Negro (TEN)², admite-se que muito tempo antes o poeta negro, líder abolicionista e advogado, Luiz Gama, havia consagrado as questões da negritude, inaugurando um discurso de afirmação racial do povo negro no país. Um marco histórico seria a publicação da primeira edição, em 1859, da sua coletânea poética *Primeiras Trovas Burlescas*.

Para Abdias Nascimento (1968, p. 50), um dos fundadores do TEN, o movimento da negritude na sua fase moderna, liderado por Aimé Césaire e Léopold Sédar Senghor, tem como seus antecedentes brasileiros, entre outros, os escritores Luíz Gama e Lima Barreto. Mais recentemente, a revisão crítica histórica pode identificar também a contribuição de Maria Firmina dos Reis, escritora negra contemporânea à Gama e Barreto. Tenta-se de destacar que esses artistas foram precursores e expoentes locais, que abordaram com sensibilidade o protagonismo do povo negro brasileiro. Alguns estudiosos do movimento de negritude acreditavam que, no Brasil, a negritude foi um ideário que emergiu como expressão de protesto de um pequeno grupo

² Fundada em 1944 no Rio de Janeiro, foi uma entidade cujo objetivo inicial era desenvolver uma dramaturgia negra no Brasil e promover a visibilidade positiva da pessoa negra no teatro. Sempre com a finalidade de afirmar valores da população negra e dar positividade à negritude, o TEN passou a abranger sua atuação para diversas áreas, excedendo a militância no teatro.

de intelectuais negros em resposta à supremacia branca. Entretanto, ao identificar a presença de Maria Firmina dos Reis, uma mulher negra, operária e *outsider* do seleto grupo de intelectuais contemporâneos, percebe-se que as raízes do movimento de negritude têm historicidades que ainda merecem atenção e revisão histórica. Muitos intelectuais negros figuram como protagonistas na história do movimento de negritude no Brasil, entretanto, também existe um esforço de promover a visibilidade à sujeitos e ações que demonstram o protagonismo de artistas de classes populares. Mesmo na experiência do TEN, é possível identificar algumas ações que revelaram esse interesse. Além do ator Solano Trindade, cuja militância dava uma conotação popular e revolucionária ao movimento de negritude, a atriz Arinda Serafim foi fundamental na criação do curso de alfabetização de trabalhadoras domésticas. Serafim era empregada doméstica, portanto, conhecia de perto a realidade da categoria profissional e articulou, tanto o curso de alfabetização para trabalhadoras domésticas realizado pelo TEN, como colaborou, em 1950, com a fundação da Associação de Empregadas Domésticas. Ao considerar que o Brasil passava por uma assimilação da ideologia do branqueamento e que o racismo estruturava as relações sociais, foram diversas as ações que se articulavam no sentido de responder, através dos postulados da negritude,

sua luta pela transformação e reconhecimento social, político e cultural das pessoas negras.

Assim como outras tantas, essas experiências mencionadas convergiam na busca pela valorização do povo negro, defendiam uma positivação das culturas herdadas pelos africanos e seus descendentes, no contexto da diáspora, e repudiavam a violência simbólica ou real que se perpetrava a eles. No Brasil, foram criados importantes espaços para o debate de teses divergentes a respeito do conceito de negritude³ e, com o passar do tempo, o conceito difundiu-se no país, aumentou seu alcance e inserção social e ganhou novos contornos e significados. A partir da década de 1970, a negritude veio a ser o símbolo de um processo de tomada de consciência racial do negro brasileiro. No campo da cultura, a negritude representava a valorização dos símbolos culturais de origem negra e, no contexto da política, a negritude manifestava-se como expressão antirracista, defendida pelas diversas entidades do movimento negro, que denunciavam e combatiam o genocídio das pessoas negras.

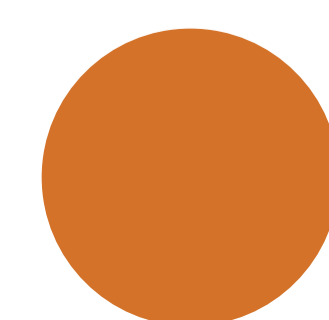
Feita essa breve introdução, gostaríamos de admitir que as poéticas da negritude são criações artísticas que buscam valorizar os mais diversos símbolos culturais do povo negro, assumindo a luta antirracista ao denunciar as modalidades

³ Destacamos o I Congresso do Negro Brasileiro (1950) e o Jornal Quilombo, editado por Abdias Nascimento.

de opressão no Brasil contemporâneo, e que revelam em si formas de empoderamento de artistas, enquanto sujeitos protagonistas da sua realidade. Tratando-se de um país de dimensões continentais, é imprescindível reafirmar que as poéticas da negritude são diversas e, portanto, este artigo irá deter-se em algumas poucas criações e artistas no contexto das artes da cena e da presença. Embora indiquemos algumas pistas, não pretendemos apresentar aqui um mapeamento de poéticas, mas identificar, dentro de um pequeno recorte, algumas expressões percebidas na dramaturgia, na encenação teatral e na performance como linguagem. Trata-se de abordagens, posicionamentos políticos e trajetórias poéticas distintas entre si, e cuja complexidade merece uma atenção mais detalhada em outro momento, cabendo a este artigo apresentar introdutoriamente alguns componentes que revestem essas poéticas. Finalmente, esse artigo não compreende uma leitura total do que reveste, recobre ou atravessa as poéticas mencionadas, entretanto, ele assinalará alguns aspectos que ora podem nos ajudar a costurar uma experiência de pensamento.

RASTROS E VESTÍGIOS DE POÉTICAS DA NEGRITUDE

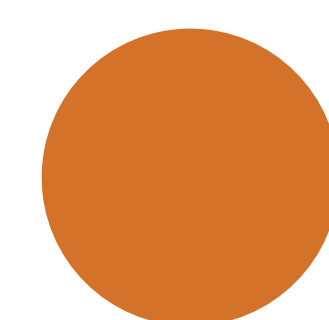
No contexto do teatro brasileiro, é notável a influência de uma tradição que se debruça na construção do texto



dramatúrgico para a linguagem da cena. 57 anos separam a publicação de “Drama para negros e prólogo para brancos”, organizado por Abdias Nascimento e editado pelo Teatro Experimental do Negro (TEN), e a antologia “Dramaturgia negra”, com curadoria de Eugênio Lima e editado pela Fundação Nacional de Artes (FUNARTE). A coletânea organizada pelo TEN reunia autores negros e brancos, cujos textos davam centralidade à questão do negro. A curadoria de Eugênio Lima, reunindo dezesseis negras vozes de todas as regiões do país, apresentou um argumento, que ratifica o que chamamos de poéticas da negritude:

o material se guia pelo direito a narrar a própria história. Sobre as possibilidades estéticas (e políticas) do teatro escrito por autorxs negrxs brasileirxs. A disputa é pela narrativa: quem conta, como conta e quais são as formas de que se lança mão para contar essa história (LIMA; 2018, p. 12).

Como defende o curador, a antologia “é parte da memória da ancestralidade negra estilhaçada pela diáspora”. Cada uma a sua maneira, todas as obras que fazem parte dessa coletânea indicam uma grande diversidade de proposições poéticas. Escolhemos dois entre esses autores, para observar distintos aspectos poéticos em que o discurso da negritude revela possíveis caminhos para uma reflexão



crítica social. Para tanto, no sentido de compreender a trajetória artística, abordaremos brevemente a seguir duas obras que não constam na referida antologia.

Uma Medida Provisória do Governo, com justificativa de correção histórica, determina que os cidadãos com traços e características que lembrem uma ascendência africana deverão ser capturados e deportados para os países africanos. Esse é o mote do texto “Namíbia, não!”, de Aldri Anunciação⁴. Embora seja uma obra ficcional, “Namíbia, não!” atravessa um debate social com interface entre xenofobia e racismo que é bastante presente na realidade brasileira. Em 2018, a então Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República apresentou um relatório com dados sobre as denúncias de violações de direitos humanos realizadas em 2015. Com esse levantamento, constatou-se que houve um crescimento de 633% das denúncias de xenofobia no Brasil em comparação com 2014. No noticiário brasileiro, é recorrente a divulgação de inúmeros casos de xenofobia e, nos últimos anos, foram expressivos os números de denúncia de xenofobia e racismo sofridos, especialmente, por venezuelanos, haitianos e cubanos. Ao entrevistar haitianos residentes na região metropolitana de Belo Horizonte, uma pesquisa publicada em 2016, pelo programa “Cidade e Alteridade” da Universidade Federal

⁴ Prêmio Jabuti de literatura, categoria ficção juvenil.

de Minas Gerais (UFMG)⁵, descobriu que 60% dos homens haitianos entrevistados sofrem de xenofobia e [outros tipos de preconceito](#) no local de trabalho. Em relação às mulheres entrevistadas, esse número chega a 100%. Episódios de manifestações populares contra a imigração de venezuelanos ao Brasil tornaram-se habitual, principalmente após a crise que se assolou naquele país. Os médicos cubanos, que atuavam no Brasil até 2018 a partir de um convênio de cooperação internacional entre os dois países, foram alvos de ataques xenofóbicos por parte da população, e especialistas endossam que as declarações do atual presidente da república, Jair Bolsonaro, de alguma forma motivam ou representam esse fenômeno⁶. A imprensa nacional divulgou massivamente vídeos em que médicos cubanos eram recebidos por médicos brasileiros com gritos, vaias e xingamentos. Essas manifestações de xenofobia, que não são exclusivas no Brasil, revelam tensões étnico-raciais que costumeiramente se mantêm mascaradas nas relações sociais. No que tange a poética, embora o pano de fundo dramático resvale um imaginário a respeito da formação e pertencimento nacional de um país marcado pela colonização e pelo regime escravocrata, o texto “Namíbia, não!” aborda aspectos da tensão étnico-racial e sua relação com questões históricas e sociais mais amplas

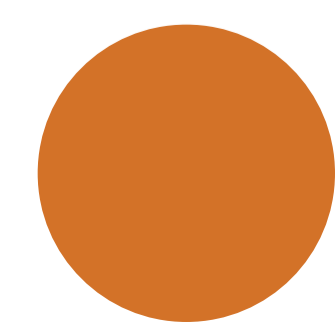
⁵ <http://www.cidadeealteridade.com.br/>

⁶ Em diversas ocasiões, o jornalismo brasileiro busca cercar as relações entre a xenofobia no Brasil e os discursos xenofóbicos proferidos por políticos brasileiros. <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/ao-culpar-venezuelanos-autoridades-estimulam-xenofobia-diz-pesquisador/>

que se referem à própria formação étnica brasileira.

Já a autora Grace Passô, que também integra a antologia “Dramaturgia negra”, tem um texto sensível com interface em questões postas pelo feminismo. À luz do mito de Medeia, a obra “Mata teu pai” reflete sobre nosso tempo, sobre fronteiras, sobre mulheres refugiadas que carregam múltiplas identidades que se figuram como determinantes sociais da sua própria condição, especialmente, quando se vive em um país forjado por questões socioeconômicas relacionadas à opressão sexista. Ao contrário da Medeia de Eurípedes, a personagem criada por Grace Passô não quer matar os filhos e sim o pai. Em relação a atual companheira de Jasão, Medeia desvirtua o lugar-comum e descontrói a imagem de rivalidade entre mulheres. A figura do homem, pai de seus filhos, é uma representação do que a personagem chama de “mundo lamacento, vendido, injusto, capitalista, militar, patriarcal” (PASSÔ, 2017, p. 45). Essa definição ganha contornos significativos, quando situamos a noção de corpo-testemunha na dramaturgia de uma autora negra. Nessas dramaturgias de Aldri Ancuniação e Grace Passô, somos convidados a refletir a questão da xenofobia e como este fenômeno tem relações com outras formas de discriminação, o racismo e o sexismo.

Agora vejamos quando o corpo-testemunha se apresenta na linguagem da encenação teatral. A personagem Medeia



da peça “Mata teu pai” de Grace Passô é uma criação dramaturgicamente do texto, mas podemos encontrar, em outro contexto e sob outra abordagem, a personagem na encenação de “Medéia Negra”, espetáculo solo com concepção e atuação de Márcia Limma. A questão da mulheridade negra é posta em evidência, no enegrecimento do título do espetáculo e no corpo negro da atriz em cena. A poética cênica adquiriu formas e relevos a partir de vivências que a atriz desenvolveu com mulheres em situação de encarceramento. Ora, a poética dessa encenação recorre a outros dados que tangenciam os estudos sobre os marcadores sociais da diferença.

Historicamente, no Brasil, as discussões em torno dos marcadores sociais da diferença são relativamente recentes. A constituição desse campo de pesquisa nas ciências humanas e sociais está intimamente ligada à criação das universidades brasileiras ao longo do século XX, tendo em vista que essa abordagem cercou-se de um terreno social propício, o qual despertou o interesse de pesquisadores no sentido de compreender as desigualdades sociais no Brasil (SOARES, 2018). Não obstante, especialmente por influência de um trânsito dos pesquisadores entre a academia e os movimentos sociais, questões em torno das relações étnico-raciais, gênero, sexualidade e diferenças socioeconômicas tornaram-se ordem do dia nas pesquisas científicas. À luz

do pensamento de Luiza Bairros (2008), podemos entender que quando se aproxima gênero e raça, como marcadores sociais da diferença, percebe-se que os instrumentos de opressão não estão isolados e, em determinados grupos, acumulam-se camadas de discriminação, desprezo, maus tratos, acentuando desigualdades particulares. Embora não mencionasse a terminologia “interseccionalidade”, a socióloga brasileira Lélia Gonzalez (1984) reiterou em diversos debates a necessidade de observar a condição da mulher brasileira, e como o racismo e o sexismo se sobrepõem em uma dupla opressão. No Brasil, a maior parte da população carcerária é composta por pessoas negras. E ao situar o encarceramento massivo de mulheres negras, Lélia Gonzalez já apontava a importância analítica para articular a questão de gênero e raça nesse contexto. Era habitual, conforme afirmava Gonzalez, recair-se a um racionalismo universal abstrato, quando se abordava a questão da mulher encarcerada com “uma generalidade que oculta, enfatiza, que tira de cena a dura realidade vivida por milhões de mulheres que pagam um preço muito caro pelo fato de não ser brancas” (GONZALEZ, 1988, p. 14). Esse dado é significativo por que nos leva a crer que, uma vez considerada a condição social de pessoas negras, o racismo se estrutura também na legalidade havendo, portanto, relações estreitas entre racismo e a aplicação do

direito⁷. É nesse sentido que autoras como Angela Davis (2018) reforçam a crítica sobre o encarceramento seletivo racial, apontando para a necessidade de um abolicionismo prisional.

Esses reflexões merecem uma análise mais profunda, porém, ao que concerne a encenação de “Medeia Negra”, eles são introdutórios e fundamentais para compreender como a poética da negritude dessa encenação se revela no trabalho de construção da cena; nessa poética, o sexismo e o racismo estrutural são objetivados como fenômenos de dominação que estão em sobreposição e, de forma duplamente particular, é percebida pela mulher negra. Ao desenvolver uma poética cênica a partir de vivências com mulheres negras em situação de encarceramento, a atriz se empenha em um engajamento social e político, no qual os atravessamentos sensíveis são construídos em solidariedade a um grupo social marginalizado, de modo que a pauta do abolicionismo está situada dentro de um prisma, em que podemos perceber como o sexismo, o racismo e a aplicação seletiva de direito penal se articulam enquanto mecanismos de opressão.

Seguindo o campo da linguagem da encenação teatral, podemos também mencionar outro espetáculo, “Pele negra

7 Nos anos 1980, nos Estados Unidos, surgiu um movimento que refletia significativamente esse fenômeno em torno da Teoria da Crítica Racial, integrados por Richard Delgado, Derrick Bell, Mari Matsuda e Kimberle Crenshaw, esta última a quem atribui-se a criação do termo interseccionalidade. Ver: DELGADO, R; STÉFANCIC, J. Critical race theory: na introduction. Nova York; Londres: New York University Press, 2001. CRENSHAW, Kimberle. On interseccionality: essential writings. Nova York: New Press, 2017.

máscaras brancas”⁸, inspirado na obra homônima de Franz Fanon. Esse espetáculo merece atenção em diversos aspectos, mas evidenciaremos um em especial que, sob outra abordagem do feminismo negro, dá contornos específicos à construção da linguagem da cena. O centro da dramaturgia se baseia na defesa pública da tese de Fanon, reportando-se a personagens em um tempo distópico, para compreender as marcas psicológicas que o racismo perpetra. Fanon é o personagem protagonista dessa dramaturgia, e na linguagem da encenação de Fernanda Júlia Onisajé passou a ser um personagem com duas vozes na atuação cênica realizadas por um ator negro e por uma atriz negra trans. A poética da negritude nessa linguagem encenação também se revela de forma singular, quando percebemos um esforço de diluir as fronteiras entre a luta antirracista e feminista; percebendo, especialmente, na luta contra o patriarcado e o imperialismo sexual e racial, como esse feminismo negro é capaz de construir mecanismos de promover também a visibilidade trans. Nesse sentido, o que parece ser uma simples preferência da encenação, é capaz de revelar em um único ato a interação entre múltiplos sistemas. Conforme defendem Patricia Hill Collins (2016) e bell hooks (2019), ao discutir o imperialismo sexista e racial, o feminismo negro é um lugar oportuno para aprofundar interpretações teóricas da própria interação das variáveis

⁸ Dramaturgia de Aldri Anuniação, direção de Fernanda Júlia Onisajé e co-direção de Licko Turle. Espetáculo realizado pela Companhia de Teatro da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

em si. Ora, se a pauta é a luta contra opressão, essa poética da negritude pode revelar como é possível provocar fissuras do padrão cisheteronormativo que, habitualmente, se perpetua na linguagem da encenação na designação de personagens e na divisão sexual da atuação cênica. Em um país como o Brasil, onde pessoas trans são alvo de toda sorte de discriminação, preconceito e estigmatização social, torna-se ainda mais significativo situar esta atribuição de protagonismo da cena.

Quando se refere a essa perspectiva de interação de variáveis, as ações realizadas pel^x performer Jota Mombaça são mais enfáticas. Em sua poética, o debate em torno do assassinato deliberado a uma parcela da população faz interface entre sexualidade e raça. Mombaça denuncia como “máquinas mortíferas” a polícia, o que chama de “masculinidade tóxica” e a declarada neutralidade do sistema de justiça. Como argumenta Jota Mombaça, seu corpo em si e a maneira como ele se apresenta ao mundo já supõe seu risco de ser vítima da violência deliberada: “andar pelas ruas pode ser um evento difícil quando suas roupas são consideradas ‘inapropriadas’ e sua presença mesma é lida como ofensiva apenas pelo modo como você age e aparenta” (MOMBAÇA, 2016, p. 9). A poética que Mombaça performa em seus trabalhos se aproxima da denúncia do

⁹ Jota Mombaça apresenta-se como bicha racializada, gorda e não binária, portanto, optamos não designar na linguagem escrita uma determinação de gênero, que contradiz sua afirmação identitária. Na língua portuguesa existe designação de gênero na referida preposição.

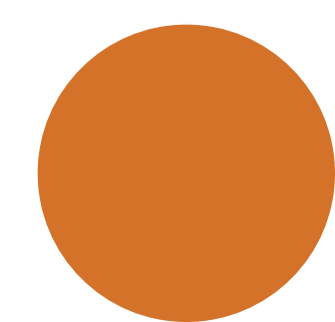
fenômeno que Mbembe (2018) tratou por necropolítica.

Quando nos referimos à conceituação que Achille Mbembe faz da necropolítica como um conjunto de formas contemporâneas que subjagam a vida ao poder da morte, estamos nos referindo a uma modalidade de violência real, que o movimento negro sempre denunciou como estratégia de poder vigente no Brasil. O processo de colonização não operou apenas na extração dos recursos locais, ele também deixou marcas de um controle físico e geográfico, novas relações espaciais de territorialização, classificação das pessoas de acordo com diferentes categorias e contribuiu para a construção de imaginários culturais que dão sentido à instituição de direitos diferentes, para diferentes categorias de pessoas (MBEMBE, 2018, p.38-39).

Segundo Abdias Nascimento (2016), o fenômeno do genocídio do povo negro do Brasil se manifesta também sob a discriminação perpetrada aos africanos, os afrodescendentes e suas manifestações culturais. No âmbito da cultura, se opera uma dupla estratégia: o enaltecimento, valoração e estímulo à assimilação das culturas dos povos europeus, em contrapartida, a difusão da crença na inferioridade das culturas africanas e das culturas afro-brasileiras. Essas são estratégias de anulação ou apagamento do povo negro brasileiro, e constituem uma ideologia que permanece disfarçada na cultura brasileira. Essas estratégias

são marcas do colonialismo e da escravidão moderna, acentuam traumas e aprofundam as injustiças sociais que se perpetra aos afrodescendentes. Como observou Nascimento, a sociedade e a cultura brasileiras se estruturaram sob essas estratégias. De modo que as pessoas passam a reproduzir determinados costumes, relações sociais, divisão social e sexual do trabalho, capazes de transformar a arquitetura das residências domiciliares e a geografia das cidades. O que Abdias Nascimento chamava de genocídio do negro brasileiro é um conjunto de condições e práticas sociais que se perpetram condições diferenciadas e inferiores às pessoas negras. Essas estratégias se ocultavam também pela disseminação de uma crença que o Brasil era o cenário de uma democracia racial. Entretanto, o genocídio da população negra brasileira está dentro de um projeto necropolítico que, em determinados grupos, se opera somando formas de opressão. Quando Mombaça denuncia a existência de “máquinas mortíferas”, ela coloca em evidência os mecanismos do projeto necropolítico e se situa seu corpo-testemunha como alvo dele.

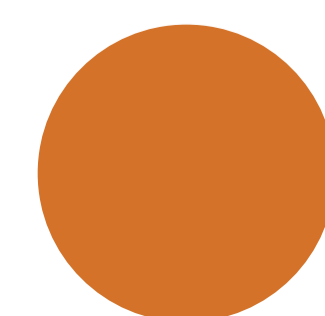
As formas de opressão, quando não são de uma violência física capaz de deliberar o extermínio de uma determinada população, podem também aparecer na disseminação do discurso de ódio e difusão da crença na inferioridade das culturas africanas e das culturas afro-brasileiras. Isso



acontece, especialmente, com um fenômeno que tratamos alhures como marcas da ideologia do racismo na perseguição às religiões afro-brasileiras (SOARES, 2017, p.174). Também no contexto da arte da performance, Ayrson Heráclito traduz uma relação íntima da cultura afro-brasileira, que também é presente no sagrado-religioso, embora ele ressignifique poeticamente em suas ações mediadas por dispositivos tecnológicos. A construção das imagens e dos estados de presença faz da sua poética da negritude uma busca ao retorno das formas elementares da vida religiosa afro-brasileira, em que ritos, materiais e formas da natureza se juntam à fotografia, ao vídeo e à ação. Sob esse aspecto, o artista coloca em evidência visualidades de um universo cultural, que é alvo de um racismo religioso e de um imaginário que reproduz uma opressão cultural permanente no país.

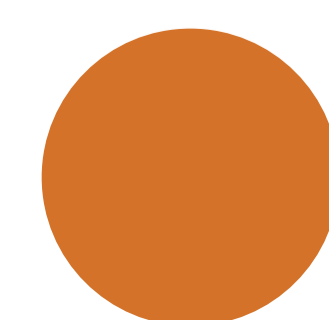
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse recorte apresentado, vimos algumas criações e artistas que buscam valorizar os mais diversos símbolos culturais do povo negro, e assumem a luta antirracista ao denunciar as modalidades de opressão racial no Brasil contemporâneo, e que demonstram formas poéticas da negritude.



O que se percebe como poéticas da negritude no Brasil é um conjunto bem mais amplo e diverso do que os artistas e as criações mencionados no presente artigo. O conjunto de pluralidades poéticas da negritude desenha contornos de uma realidade, que compreende uma diversidade e pluralidade próprias das linguagens cênicas e performáticas afro-brasileiras. Muitas dessas linguagens poéticas ratificam a reincidente denúncia de política de extermínio deliberado da população negra brasileira, promovida pelo Estado, especialmente, após ele ter sofrido um golpe parlamentar em 2016, que retirou a presidenta Dilma Rousseff por meio de um impeachment sem comprovação de que ela tivesse cometido qualquer crime que justificasse seu afastamento. Vivemos um processo social em que o sistema judiciário brasileiro está evidentemente a serviço de um grupo político, como uma espécie de *lawfare*, responsável por contribuir diretamente que ascendesse à presidência da república um representante da ideologia neofacista que, atualmente, potencializa estruturalmente o Estado no recrudescimento de mecanismos de opressão racista.

Nessa encruzilhada a qual vivemos, disputamos narrativas sobre os acontecimentos. E as artistas negras e os artistas negros buscam evidenciar os conflitos étnico-raciais por meio das suas obras, que tornam-se importantes dados sobre a realidade brasileira. Acontece que a cultura brasileira,



sob as condições desiguais da sociedade, também faz emergir o artista como seu autêntico produtor das coisas que toda civilização deixa como a essência e o testemunho duradouro do espírito que a animou. E se todo artista é produtor de objetos culturais que atingem uma qualidade alta e complexa e que despertam, por meio da experiência, os sentidos à flor da pele, não estamos falando de outra coisa senão das linguagens de um corpo-testemunha.

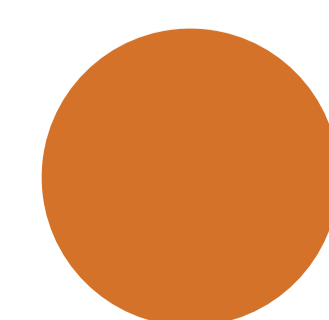
__REFERÊNCIAS

ANUNCIAÇÃO, Aldri. *Namíbia, não!* 2 ed. Salvador: EDUFBA, 2015.

BAIRROS, Luiza. A mulher negra e o feminismo. In. COSTA, Ana A. A; SARDENBER, Cecília M. B. (org.) *O feminismo no Brasil: reflexões teóricas e perspectivas*. Salvador: UFBA/NEIM, 2008. Disponível em: < <http://www.neim.ufba.br/site/arquivos/file/feminismovinteanos.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2019.

COLLINS, Patricia Hill. *Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento*. São Paulo: Boitempo, 2019.

_____, Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado* (UNB), Brasília, v. 31, n. 1, 2016.



Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100099&lng=pt&tlng=pt>.

Acesso em: 6 dez. 2019.

DAVIS, Angela. Feminismo e abolicionismo: teorias e práticas para o século XXI. In. *A liberdade é uma luta constante*. São Paulo: Boitempo, 2018.

GAMA, Luiz Gonzaga Pinto da. *Primeiras Trovas Burlescas de Getulino*. [S.l.]: Domínio Público, 1859. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/bn000101.pdf>>.

Acesso em: 10 dez. 2019.

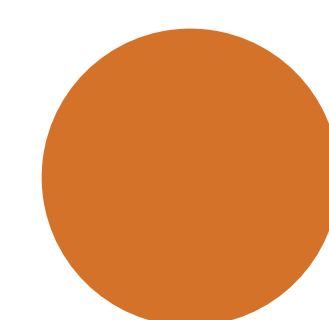
GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. *Revista de Ciências Sociais hoje*, ANPOCS, 1984.

_____, Por um feminismo afrolatinoamericano. *Revista Isis Internacional*, Santiago, v. 9, p.133-141. 1988. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/271077/mod_resource/content/1/Por%20um%20feminismo%20Afro-latino-americano.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2019.

HOOKS, Bell. *Teoria feminista: da margem ao centro*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

LIMA, Eugênio; Ludemir, J (org.). *Dramatugia negra*. Rio de Janeiro: Funarte, 2018

MBEMBE, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado*



de exceção e política de morte. São Paulo: n-1 edições, 2018.

MOMBAÇA, Jota. Rumo a uma redistribuição desobediente de gênero e anticolonial da violência. p.1-20. 2016. Disponível em: <https://issuu.com/amilcarpacker/docs/rumo_a_uma_redistribuic__a__o_da_vi>. Acesso em: 10 dez 2019.

MUNANGA Kabengele. *Negritude: Usos e Sentidos*. São Paulo, Atica, 1986, p. 33-49.

_____, Negritude afro-brasileira: perspectivas e dificuldades. *Revista De Antropologia* (USP), São Paulo, n. 33, p. 109-117, 1990. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/2179-0892.ra.1990.111217>. Acesso em 06 dez 2019.

NASCIMENTO, Abdias do. *Drama para negros e prólogo para brancos: antologia de teatro negro-brasileiro*. Rio de Janeiro: Teatro Experimental do Negro, 1961.

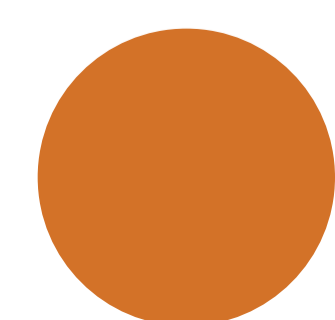
_____, *O negro revoltado*. Rio de Janeiro: GRD, 1968.

_____, *O genocídio do negro brasileiro: processo de um racismo mascarado*. São Paulo: Perspectiva, 2016.

PASSÔ, Grace. *Mata teu pai*. Rio de Janeiro: Cobogó, 2017.

SOARES, Stênio José Paulino. *O corpo-testemunha na encruzilhada poética*. 2018. 251 f. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

_____, “Encruzilhada poética”: as religiões afro-brasileiras e sua importância social e política. In.: IPIRANGA JÚNIOR, P.; GARRAFFONI, R. S.; BRANDÃO, B.. *Modos de vida: crenças, afetividades, figurações de si e do outro*. Belo Horizonte: Crisálida, 2017. p.171-180.





PPG-Artes da Cena
 Programa de Pós-Graduação em Artes da Cena
 Instituto de Artes - UNICAMP



ISBN: 978-65-88507-02-5

